

**Manhã amanhecendo *Cinderela*:
negritude e magia nos contos de fada modernos¹**
*A morning at sunrise Cinderella:
blackness and magic in modern fairy tales*

Danuza Kryshna da Costa LIMA²

Resumo: O presente artigo propõe uma leitura crítica do livro *Amanhecer Esmeralda*, a partir do conceito de negritude, apresentado por Kabengele Munanga (1986), e de literatura dessacralizante, por Zilá Bernd (2003), além de levantar questões sobre a presença e necessidade de magia nos contos de fada modernos, bem como o papel da literatura infanto-juvenil na educação e construção da cidadania. Para tanto, faz-se necessária a visitação teórica de nomes como Nelly Novaes Coelho (2000) e Bruno Bettelheim (1980).

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Manhã. Negritude. Dessacralização. Magia .

Abstract: This article proposes a critical reading of the book quoted above from the concept of blackness, presented by Kabengele Munanga (1986) and literature desecrating by Zila Bernd (2003), besides raising questions about the presence and need for magic in modern fairy tales, as well as the role of children's literature in education and construction of citizenship. Therefore, it is necessary the theoretical knowledge of names like Nelly Novaes Coelho (2000) and Bruno Bettelheim (1980).

Keywords: Children's literature. Morning. Blackness. Desecration. Magic.

Introdução

Uma menina chamada Manhã acorda todos os dias como se a manhã não existisse e segue para a escola, sempre suja e despenteada. Realidade bastante comum para a maioria das crianças. A pobre Manhã passa despercebida por todos. Sua manhã não amanhece clara, entra em contraste com sua pele escura, negra, reluzente. Finalmente a fantasia põe em seu caminho um vestido verde, que a faz sentir-se protagonista de sua própria vida, e não apenas uma luz negra passageira entre os corredores da escola. A pequena história de Manhã é escrita a cada dia, mas é Reginaldo Ferreira da Silva (Férrez) que a torna visível. Ela é contada em *Amanhecer Esmeralda* (2005) e ressurge como uma Cinderela negra, que, após sofrer, amanhece cor de esperança, e essa esperança é negra, aviva o sentido de negritude, da autoestima infantil, faz dessacralizar a figura do negro na literatura infanto-juvenil.

Manhã a escurecer e uma menina a nascer esmeralda

¹ Artigo apresentado no 15º Encontro de Literatura Infanto-juvenil da Fafire, no dia 20 de maio de 2011.

² Pós-graduanda em Literatura Brasileira pela Faculdade Frassinetti do Recife – Fafire e mestranda em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (danuzakryshna@gmail.com)

Para muitas crianças, o sonho de se tornar princesa é algo comum na infância, sonhar com carruagens feitas de abóboras, varinhas de condão, “pó de Pirlimpimpim”, bonecas falantes. Mas, para a personagem da pequena história *Amanhecer Esmeralda*, tudo não passa de sonhos que nunca se realizarão, ou que são constantemente confrontados com a realidade de sua vida. O tempo para sonhar é posto em choque com o tempo para pôr os pés no chão. Talvez o futuro não espere por Manhã, talvez Manhã não espere pelo futuro e resolva ir contra a falta de tempo para sonhar, e faça o contrário, sonhe. E é isso que a personagem faz: mesmo esquecida, aprendeu a sonhar e não larga dos sonhos até seus pés pisarem o chão. O mundo é sempre duro para ela e a arranha todos os dias. Quando Manhã se depara com uma casa suja, panelas sem comida, com a falta da mãe e a bebedeira do pai, seus sonhos ruem um a um e a pequena Manhã escurece. A miséria urbana, a dor da fragmentação familiar, a falta de atenção para os pensamentos infantis, todas as coisas que podem acabar com os sonhos, no texto de Férrez:

Foi até a pequena mesa feita artesanalmente por seu pai com tábuas de caixotes e não viu nenhum embrulho.
Era mais um dia sem pão.
Pegou a panela onde sua mãe fazia café e olhou dentro, nada (SILVA, 2005, p. 10).

A menina negra da periferia pouco fala, tem olhos inexpressivos que expressam o abandono e o esquecimento. Apenas os pensamentos da menina são colocados para o leitor. Há pouco espaço para os sonhos dela. Há sempre a estirpe da pobreza a impedir que eles venham tomar espaço em sua vida de criança.

Manhã chegou à escola no horário certo, a turma já estava pegando fogo, já estava na terceira série, talvez fosse professora, dentista, advogada, havia aprendido a sonhar, mas também a pensar com os pés no chão e não gostava disso, quando se imaginava limpando a casa de alguém por toda a vida que nem sua mãe, uma tristeza invadia seu corpo (SILVA, 2005, p. 14).

Embora os contos de fadas tradicionais não apresentem uma personagem negra como protagonista, muitas crianças conseguem imaginar-se como a Gata Borracheira, Rapunzel. Mas, para Manhã, essa realidade fica bastante distante, presa ao seu mundo quadrado que aprisiona seus sonhos, a menina não se vê princesa. Todo o imaginário infantil, para ela, não passa de pura ilusão. Seus sonhos não ultrapassam o limite de suas forças, acabando sempre sob o peso de seus pés. Sua única certeza é de não querer ter o mesmo futuro de sua mãe: doméstica.

A união entre realidade e fantasia é uma das características dos contos de fada tradicionais, mas também das histórias modernas, e está presente na história de Manhã. A literatura propõe àquele que cria a transparência do cotidiano e para a criança é importante a defrontação com imagens geradas a partir dessa transparência, às vezes fortes, mas necessárias para o crescimento desta como ser humano. Se a criança leitora não tem contato com a realidade, perde-se em um imaginário que não a ronda. É necessário que ao entrar em contato com a literatura, ainda na infância, a criança discirna realidade e fantasia. O texto literário, mais que qualquer outro veículo de expressão, consegue despertar no jovem leitor, o que Nelly Novaes Coelho (2000) denomina de “consciência de mundo”:

No ato da leitura³, através do literário, dá-se o conhecimento da consciência de mundo ali presente. Assimilada pelo leitor, ela começa a atuar em seu espírito (e conforme o caso a dinamizá-la no sentido de certa transformação...) (COELHO, 2000, p. 51).

A história de Manhã é dosada de realidade e fantasia na medida certa para a construção da imaginação infantil e do perfil da criança como futuro adulto. A personagem parece ganhar uma dimensão para além do conto e do ponto, e ganha lugar na vida das crianças, que se reconhecem em pessoas comuns nas ruas e até nelas mesmas. Segundo Bruno Bettelheim (1980), o processo de exteriorização da criança ocorre quando esta pode aprender a confrontar seus personagens com o que é retratado nas histórias. No caso de *Amanhecer Esmeralda*, nada culmina no mágico e nem no maravilhoso, não existem fadas madrinhas e nem elementos mágicos, mas exhibe a magia de que após uma terrível tempestade tudo sairá bem – essa concepção é primordial para a infância.

A criança normal começa a fantasiar a partir de algum segmento de realidade mais ou menos corretamente observado, que lhe pode provocar ansiedades ou necessidades tais que ela seja carregada de roldão por elas (BETTELHEIM, 1980, p. 77).

Esse processo de exteriorização não deve ser entendido como algo frio. Longe disso, a criança deve usar a magia e a imaginação para crescer. Esse é o objetivo dos contos de fada e em *Amanhecer Esmeralda*: criar situações em que haja uma aprendizagem significativa e que culmine com a perpetuação da magia e da fantasia. Dessa forma, independente da época em que são escritas, as histórias infantis geram e

³ Destaque da própria autora.

levam à mágica da descoberta, seja a partir de problematizações, denúncias, tristezas, a criança terá sempre algo novo a aprender na literatura, sem precisar que este texto seja didático. Mais uma vez, atribui-se importância à leitura como fonte para o conhecimento não só de si, mas do outro. Ainda em Nelly Novaes Coelho, a leitura é encarada como porta para uma troca de relações, que são feitas no âmbito da literatura e do mundo, pois é importante que as crianças:

Consigam estabelecer *relações* fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo real que elas estão descobrindo dia a dia e onde elas precisam aprender a se situar com segurança, para nele *poder agir*⁴ (COELHO, 2000, p. 51).

Após um contato forte com a realidade, como ocorre em *Amanhecer Esmeralda*, o leitor embarca em um processo de retorno a um mundo encantado. Mesmo com essa visualização e entendimento da realidade, “é necessário para a criança voltar à realidade sem ser enfraquecida ou derrotada, mas fortificada por esta excursão nas fantasias” (BETTELHEIM, 1980, p. 77). Por isso, o cotidiano de Manhã não fere, mas deixa inquieto o leitor, que movido por algo que o corpo não explica, entende a situação da personagem e se compadece dela. Isso funciona como um reforço à criança. Dores, decepções, perguntas e tristezas podem surgir para todos, mas ainda há esperança. Mesmo onde não se acredita. O momento de renascimento de Manhã para sua infância traça-se a partir daí.

Manhã acordou cedo mais uma vez, era sexta-feira, o dia da alegria para toda as crianças que estudavam (...) foi até as caixas de papelão e pegou a pequena calça *jeans*, vestiu, em seguida procurou uma blusa e achou uma blusinha vermelha, um pouco desbotada, mas servia, saiu do cômodo feito de madeira e entrou na única parte de sua casa que era de alvenaria, o banheiro (SILVA, 2005, p. 13).

A pequena narrativa toma um novo rumo: após tortuosas manhãs, renasce uma Manhã clareando o dia. A esperança brilha na forma de um vestido cor de esmeralda. Interrogado sobre a falta de sorrisos no rosto da pobre menina, o professor Marcão resolve buscar o sol para Manhã amanhecer em sua própria vida e lhe dá de presente um vestido, verde, verde, cor de esperança, necessária para a vida da menina, esperança.

Mas um dia amanheceu (...) a pequena se aproximou do professor e esperou o assunto.
– Sabe o que é Manhã, eu estava passando em frente a uma loja de roupas ontem e decidi comprar uma coisa (...)

⁴ Destaques da própria autora

Manhã arregalou os pequenos olhos negros e pegou o pacote com delicadeza, perguntou se podia abrir e com a aprovação do professor, tirou o durex delicadamente e, ao abrir a embalagem, estendeu o vestido de uma cor que ela não sabia o nome. (...)
É esmeralda (SILVA, 2005, p. 27).

Era esmeralda, a cor que mudaria Manhã, a tornaria personagem e protagonista de sua vida, uma menina a nascer esmeralda, uma princesa, princesa negra.

Manhã amanhecendo esmeralda: uma princesa negra no bosque da fantasia

Em *Amanhecer Esmeralda*, Férrez propõe uma nova leitura do outro, daquele que está à margem, nesse caso, a figura do negro representada a partir da personagem principal. Manhã não é apenas uma menina, ela é o outro que não tem espaço para se mostrar, ninguém a enxerga. Através da leitura da história, o leitor passa a ter contato com alguém que sobrevive à margem das histórias infantis e da sociedade: o negro. A história mostra uma menina socialmente excluída da sociedade, que renasce com a ajuda de um sensível professor, Marcão, que lhe entrega um vestido verde e a faz sentir-se, enfim, viva e feliz. Manhã amanhece esmeralda, esperança. Final feliz para uma criança, nasce uma princesa.

Mas, para se configurar princesa, Manhã precisa se conhecer, e sua primeira lição começa por sua origem. Manhã deve reconhecer-se como tal e Marcão a apresenta àquela que a levará a passear pelo bosque da fantasia, a merendeira da escola, Dona Ermelinda, que conta histórias de seu povo, o povo da África, e dá sentido à existência da menina. A merendeira parece possuir a chave para abrir o portão desse bosque da fantasia e segura a menina pela mão para lhes mostrar as riquezas de seu povo.

Dona Ermelinda (...) contava sobre as raízes africanas que todos os negros tinham, contou que certamente Manhã era também descendente de uma linda rainha de algum dos reinos trazidos para cá para serem escravizados. A menina estava encantada com todas aquelas histórias (SILVA, 2005, p. 33).

Nessa ótica, D. Ermelinda acaba explicando e avivando em Manhã sua cor de pele, despertando na personagem sua negritude, termo usado por Kabengele Munanga (1986) em estudo sobre os usos e sentidos do termo *negritude*. O termo pode ser entendido como uma resposta do homem negro à tentativa de “embranquecimento cultural” imposta pelo branco, fazendo com que os negros e afrodescendentes não sentissem orgulho de sua cor de pele. Nas palavras do autor, negritude “é a afirmação

do negro pela valorização de sua cultura, (...) é o simples reconhecimento do fato de ser negro, aceitação de seu destino, de sua história” (MUNANGA, 1986, p. 44 e 53).

No livro *Amanhecer Esmeralda*, a personagem principal é uma menina negra e se torna princesa de um reino que é só seu, o reino da fantasia. Ao tomar esse rumo, a história apresentada no livro deixa de ser uma simples história e cumpre seu papel social, essa é a chamada “função dessacralizadora da literatura”. De acordo com os estudos de Zilá Bernd (2003) sobre o tema, o texto literário cumpre essa função porque não mais esconde a figura do homem negro e nem o põe como personagem medíocre, mas sim como um ser cheio de sonhos e vivo. Mas o fato de se encontrar o negro como figura sacralizada não indica uma postura errada, pois, para a autora:

A literatura atua em determinados momentos históricos no sentido da união da comunidade em torno de seus mitos fundadores, de seu imaginário ou de sua ideologia, tendendo a uma homogeneização discursiva, à fabricação de *uma palavra exclusiva*⁵, ou seja, aquela que pratica uma ocultação sistemática do outro, ou uma representação *inventada* do outro. No caso da Literatura Brasileira este outro é o negro cuja representação é frequentemente *ocultada* (BERND, 2003, p. 33).

Zilá Bernd ainda acrescenta no livro *Literatura e identidade nacional*, no qual faz importantes estudos sob a busca do caráter nacional da literatura, que apenas quando pensarmos no outro como sendo nós mesmos poderemos aceitá-lo. Isso ocorre em *Amanhecer Esmeralda*, no qual o autor propõe uma “nova leitura do outro” a partir de sua personagem Manhã. Só assim a personagem é vista não como algo exótico e à margem, mas como centro da história, e com ela a história de uma *Cinderela* se recria, tendo como *Gata Borralheira* uma menina negra.

Após receber todo o cuidado e carinho de Dona Ermelinda, Manhã segue para sua casa, mas completamente mudada, uma princesa passeando no bosque da fantasia, uma fantasia absolutamente real. Manhã contagia seu pai com magia, sem precisar de pílula falante para dar vida à voz rouca de seu pai. E como num conto de fadas, a felicidade da pequena menina invade a todos. Nada poderia ser como antes, tudo tinha de ser mudado para receber a princesa. Assim como a menina, tudo tinha de tornar-se fantasia também:

O pai de Manhã então sentou novamente e começou a olhar pro barraco, olhava a menina e olhava pro barraco, então em alguns minutos percebeu que não combinava uma menina tão bonita com um barraco tão bagunçado e sujo, resolveu levantar e saiu. Depois de algum tempo voltou com uma lata de tinta, começou a mexer em toda a casa, arrastando móveis de um lado para outro, Manhã perguntou o que ia fazer, e ele disse:

⁵ Destaques da autora.

– Vou pintar tudo mia fia, vou arrumar tudo, você é muito linda pra ficar num lugar desse (SILVA, 2005, p. 37).

Logo todos ficam impressionados com a beleza da casa azul da menina, luzes na frente para que todos enxerguem o lar da princesa. Toda a viela banha-se em uma atmosfera de felicidade transformadora. A criança que lê a história, sente na pele a necessidade de alguém ser notada e a mudança que isso pode acarretar quando esta é percebida, como ocorreu com a menina Manhã. Assim como na casa da menina, nada poderia continuar como antes, o leitor libera dentro de si o sentimento de solidariedade e de humanidade:

Um lembrou de fazer uma cerca na frente, o outro de pôr uma caixa d'água na laje; em alguns dias a rua estava toda diferente. O Sô Toin, dono do depósito, ficou tão contente com as vendas que propôs aos moradores fazerem uma vaquinha para cimentarem a rua. Em alguns dias todos se reuniram e trabalharam muito espalhando concreto, afinal as casas estavam pintadas e não podiam ficar numa rua de barro (SILVA, 2005, p. 42-43).

Todos os dias que seguirão a Manhã serão dias de felicidade e sorrisos soltos. Diferente de dias atrás, Manhã acorda para ir à escola, não era um dia comum, ela sabia que havia algo novo permeando o ar. Algo que não sabia explicar, mas conseguia sentir muito bem, era carinho, atenção, amor, e, sobretudo, esperança.

Pegou seu material no sofá, saiu e fechou a porta. Quando chegou à rua, não acreditou, todas as casas estavam pintadas, tudo estava muito lindo, organizado como nunca tinha visto, ela olhou para seu vestido, olhou para as casas, olhou para o céu, e viu que tudo era daquela cor, até o amanhecer era esmeralda (SILVA: 2005, p. 46).

Todos se contagiaram com a alegria da menina. Seria impossível ir contra aquela magia que pairava no ar. E naquela mesma manhã clara, cor de esperança, a pequena Manhã, a princesa negra, acorda para mais um dia de aula, mudada. A menina amanhece esmeralda, esperança, e amanheceria todas as vezes que o possível sonho de um final feliz fosse possível.

Considerações finais

A necessidade de fantasia é primordial para a construção da identidade da criança. Diante de modelos impostos, inclusive pelos contos de fadas, a criança vincula-se a um universo no qual se reconhece participante, atuando como protagonista de sua própria existência. *Amanhecer Esmeralda* é um feliz exemplo de como unir fantasia e

identidade cultural. Nas leves palavras de Reginaldo Ferreira da Silva, o Férrez, traça-se a triste, mas também real, história da pequena Manhã, garota pobre e negra, esquecida, como grande parte das crianças que vivem na mesma situação.

O enredo deste conto de fadas moderno leva o leitor, seja ele criança ou não, à reflexão do lugar do negro na literatura, sobretudo, literatura destinada às crianças. O conto reverte o debate acima exposto, colocando a figura da pequena Manhã como protagonista de sua própria história.

À luz dos esclarecimentos de Kabengelê Munanga sobre o conceito de *negritude*, foi possível vermos a importância dos modelos dessacralizados de personagens para a literatura. Tal atitude viabiliza o auto-reconhecimento da criança diante de um estereótipo que comumente não era o seu. Reconhecer-se fora de sua realidade e encontrar-se na realidade da literatura pode auxiliar a criança no processo de reconhecimento de si mesma, como bem esclareceu Bruno Bettelheim.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BERND, Zilé. **Literatura e identidade nacional**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

SILVA, Reginaldo Ferreira da. **Amanhecer Esmeralda**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Recebido em: 01/06/2011
Aprovado em: 21/02/2014

Para referenciar este texto:

LIMA, Danuza Kryshna da Costa. Manhã amanhecendo *Cinderela*: negritude e magia nos contos de fada modernos. **Revista FAFIRE**, Recife, v. 3, n. 2, p. 32-39, jul./dez.2010.